

MEMÓRIAS, LAÇOS E SIMBOLOGIAS: A PESCA FEMININA

Jeruza Jesus do Rosário¹
Charles D'Almeida Santanna²

RESUMO: *O artigo faz-se sobre a mulher na atividade pesqueira sem o devido reconhecimento de seu trabalho e da definição de seus direitos. Na busca pela sobrevivência, estas mulheres adaptaram-se às exigências e regras da lógica do capital, o que resulta na atual luta pela valorização de sua atividade pesqueira e pelas suas garantias trabalhistas. O contato com a riqueza da região da Baía do Iguape/ BA, aguçado pela vivência do mundo simbólico das pessoas ouvidas, leituras sobre as festas e comemorações religiosas, direciona a pesquisa, ainda mais, para os aspectos culturais marcantes desta população. Isto é refletido na incorporação, ao trabalho, do levantamento das histórias do cotidiano da mulher pescadora em seu espaço de vivências, o que evidencia que espaço e tempo não devem ser separados jamais ou, caso contrário, não se consegue expressar claramente, pela linguagem, o que se quer dizer. Ressalta-se aqui a necessidade de sensibilidade para ler o espaço, já que a mulher pescadora tem no seu cotidiano o desenvolvimento de espaços legíveis que expressam a cultura em seus diversos aspectos, possuindo uma faceta funcional e outra simbólica. Interpretar os fenômenos da vida social, neste tipo de abordagem, é compreender a “experiência” através da qual o indivíduo, neste caso a mulher pescadora, constrói a sua vida interior e se capacita a interpretar a de outrem na descoberta dos significados, na interpretação do sentido interno e subjetivo das estruturas culturais que se espraiam nas vivências na Baía do Iguape.*

Palavras – chave: Pescadoras; Lugar; Cultura

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa traz o cotidiano da mulher pescadora na Reserva Extrativista Marinha Baía do Iguape/Bahia (Resex Baía do Iguape), localizada no Recôncavo Sul Baiano. A reserva está localizada em pleno rio Paraguaçu justamente onde este rio deixa de correr margeado por montanhas, após passar pelas cidades de Cachoeira e São Félix antes de encontrar a sua foz na Baía de Todos os Santos. Em torno da Baía do Iguape está localizada a sede do município de Maragogipe e as vilas Santiago do Iguape, São Francisco do Paraguaçu e Nagé.

A Resex tem a finalidade de dar suporte à população na extração da fauna marinha de modo sustentado sendo uma iniciativa do governo federal em conjunto com o IBAMA. Esta Resex configura-se como uma das formas de ação e uso coletivo que objetiva o uso sustentável de uma área, mediante a regulamentação do uso dos recursos naturais e dos comportamentos a serem seguidos pelos extrativistas.

A Baía do Iguape possui aproximadamente 42.000 habitantes (IBGE, 2000) que vivem, basicamente, da pesca artesanal, agricultura do fumo e pequenas agriculturas familiares. Quanto à atividade da pesca, registra-se a existência de um universo de cerca de 8.000 pescadores em toda a Baía do Iguape e, conforme informações da Colônia de Pescadores de Maragojipe, são

¹ Mestranda em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB/Campus V. Contato: jeruzarosario@hotmail.com

² Professor Adjunto da UCSAL, UEFS e Universidade do Estado da Bahia, UNEB. Orientador.

associados 3.500 pescadores entre homens e mulheres, sendo mais de 50% deste corpo de associados composto por mulheres.

O espaço vivido da pescadora nos traz as representações, as experiências e memórias pela incorporação do não-racional, emocional e suas contradições e foi nesta atmosfera em que as pescadoras com as quais estive compartilham suas histórias comigo. Nesta pesquisa sobre a vida cotidiana destas mulheres, utilizando-me da história oral, foi imprescindível a busca de interlocução com quem estava conversando e, para a minha satisfação, as entrevistas transcorreram de maneira muito amistosa, que me propiciaram horas de bate-papos com estas simpáticas, falantes e admiráveis mulheres, sementes de muita reflexão.

Na sala de sua casa, recostada em seu sofá, D. Benedita me conta da época em que trabalhou na Suerdieck, a fábrica de charutos, lá na década de 70. E me conta em tom de queixa sobre o trabalho na empresa, o que o faz diferente do ambiente de trabalho em clima de amizade e comunhão que desfruta na pesca. Na pesca, mesmo que o trabalho fosse feito de forma individual, são proporcionados momentos compartilhados com suas filhas e outras pescadoras e isto fazia muita diferença como até hoje.

São testemunhos que nos evidenciam o crucial papel da história oral, metodologia aqui utilizada, tendo em vista que esta se vale dos testemunhos no momento em que rastreia a formação da memória coletiva a partir da infância, geralmente, referenciados na família. As lembranças ocorrem com a composição da memória a partir do coletivo, da família, do contato com o outro e neste contexto, cai como uma luva para minha investigação sobre o cotidiano das pescadoras (FERREIRA, 1996).

Com as pescadoras verifico que o ser humano deseja e reage afetivamente aos acontecimentos do meio; a vontade como desejo, ação e criatividade, intenção de procura, de percepção, ou sentir sensorial e emocional, que permitem uma comunhão entre a natureza e o sujeito, onde a afetividade possibilita um reagir aos acontecimentos. E é neste tripé que se forma a base para a leitura da realidade das pescadoras, o que aqui proponho, privilegiando a necessidade de que minhas reflexões acerca deste tema provenham de um equilíbrio holístico, pois *“o objetivo do conhecimento não é descobrir os segredos do mundo, mas dialogar com seus mistérios”*(MORIN, 1995, p. 13), e este clima de mistérios, de algo enigmático, de algo que se reserva à atmosfera singular que páira sobre o mundo da pesca, compõe a tônica nas histórias que ouvi na Baía do Iguape.

ESPAÇO DAS MEMÓRIAS

O cotidiano das pescadoras constitui uma história de bravura frente às intempéries da vida; tem recorrente em suas falas, que a vida de pescadora, apesar de gozar de muito respeito e amor delas próprias, é uma vida muito sacrificada, de busca diária do sustento. Nas histórias se expressam as lembranças e no conhecimento que possuem sobre a pesca no manguezal repassado de geração em geração; grande parte aprendeu a arte da pesca com seus pais, que aprenderam com seus avós e flui nesta dinâmica marcada pelo amor à profissão.

Com as pescadoras do Iguape, percebo a boa vontade e a quantidade de histórias que estas pessoas têm para contar, constituindo um fluir contínuo de possibilidades de investigações ricas sobre os sujeitos da pesquisa e a partir disto, me proponho a fazer a escrita funcionar como a

fotografia do saber (FERREIRA, 1996), é nela que funciona a principal parte do trabalho em pesquisa, pois é com este instrumento que poderemos fazer de nossos escritos, instrumentos de constatações interessantes para análise da sociedade em que vivemos, mas para isso, devemos encarar esta tarefa da maneira mais honesta possível, pois estaremos, permeando inúmeras memórias, histórias de vidas que nos são abertas, muitas vezes, sem alguma pretensão e que nos chegarão, em muitos casos, na forma de fatos que por nós serão interpretados, bem ou não, e é onde temos a nossa maior responsabilidade.

As pescadoras puderam se expressar, expondo sentimentos e atitudes frente ao mundo. Rememorando experiências vividas, às vezes em fragmentos de memórias, recheados de sensibilidade, alegria ou dor, onde tanto os que contam, quanto os que escutam, se emocionam, criando esse novo ambiente, onde um vive e o outro revive e, no reviver, o recriar da história. Muitas vezes, lembrei que me fazia dentro de uma experiência cuidadosa e de aproximação, onde a confiança é de extrema importância, pois tive histórias de vida compartilhadas comigo e, ali, se fazia um vasculhar permitido nos segredos das pescadoras. E, então, me dou conta com o livro aberto de história viva através da memória de cada umas das mulheres a quem procurei para ajudar-me na construção deste estudo. As pescadoras nos chegam como mediadoras da natureza e a apropriação desta é expressa no processo do conhecimento e do trabalho: *“o processo de trabalho exige um aprendizado prévio, o homem necessita apreender a natureza a fim de poder apreendê-la. Quando aprende, apreende; quando apreende, aprende”* (SANTOS, 199, p.182).

Isto nos traz novos ares na forma de pensar, esteio de valor imprescindível encontrado na teoria da complexidade de Edgar Morin (2000, p.31). Segundo ele, o termo “complexidade” não se apresenta como receita ou solução para lidar com o estudo do real, mas como desafio e motivação para pensar sobre o mesmo. Tampouco este pode ser entendido como sinônimo de compreensão completa ou de complicação absoluta, mas sim como uma tentativa de compreensão dos desafios que temos de enfrentar, no momento da ação, devido ao conhecimento incompleto que temos da realidade; trata-se portanto, de uma forma de enxergar a realidade a partir daquilo que foi separado no projeto da modernidade como: o objeto e o sujeito, a razão e o sentimento, a matéria e o espírito e o homem e a natureza. A pescadora aprende a pesca e aprende junto com esta arte, o respeito profundo para com a natureza e por conseqüência, o respeito para com o seu próximo, característica que percebo como predominante na visão de mundo deste grupo.

Com as pescadoras, acredito que se torna mais evidente a necessidade de atentarmos para o fato de termos uma nova percepção da terra, como uma imensa teia da qual somos membros. Membros responsáveis para que todos os demais membros e fatores, desde o equilíbrio energético dos solos e dos ares, passando pelos microorganismos até chegar aos grupos e a cada indivíduo, possibilitando a convivência em harmonia e paz (BOFF, 2000, p.31) de modo bem parecido com o que pude testemunhar na Baía do Iguape de quando de minhas andanças. Inspirando-me na visão de mundo das pescadoras, verifico que o homem surge não como uma peça igualmente fundamental, mas apenas mais uma peça na teia da vida (CAPRA, 1996).

ESPAÇO, PESCADORAS, O LUGAR: ENLAÇADOS QUE NEM RAÍZ DE MANGUE

O espaço em que as pescadoras realizam seu trabalho é o mesmo em que vivem, onde aprendem, onde concretiza o sentido dos lugares. Isto nos fornece pistas valiosas no sentido de

podermos verificar como se modelam as experiências e como isso influencia sobre a sua ação e percepção. Natureza e cultura estão colocadas tendo por referência os processos naturais nos quais os seres humanos se inserem, dos quais retiram o seu conhecimento e sua vida e as construções culturais humanas derivadas do conhecimento e do saber, se apóiam na realidade natural:

...quase todo dia que eu e meu marido a gente passa pela passarela, a gente vê coisa diferente..., peixe num bebe refrigerante e a garrafa jogam onde? no mangue...(!)... eu acho isso uma falta de consideração...carangueijo não senta em sofá...e jogam sofá no mangue!!!³

O ambiente é um nicho, um abrigo no qual o laço se torna lugar, imaginário territorial, onde os objetos naturais ou construídos estão diretamente relacionados com a existência humana (MAFESSOLI, 1984, p.52). Tuan traz que “o espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”(TUAN, 2005, p.45). Valores, a exemplo de solidariedade e respeito mútuo, são produtos da experiência ou conhecimento. Uma experiência que pode ser direta e íntima ou indireta e conceitual, mediada por símbolos. Compreender o lugar significa compreender de que maneira as pessoas atribuem valores. Em meu contato com estas mulheres, verifiquei como são “achegadas” e como fizeram me sentir como alguém conhecido há tempos, me autorizando toda uma liberdade em voltar às suas casas quantas vezes fossem necessárias, demonstrando o respeito que já dedicavam ao trabalho que eu estava fazendo, o que sinaliza estarem atentas às pessoas e coisas ao seu redor.

Ser uma pescadora artesanal é, primordialmente, tornar-se portadora de um conhecimento que somente o cotidiano da pesca lhe confere, o que permite conduzir suas atividades, ampara suas atitudes numa ampla complexa cadeia de inter-relações ambientais. Como afirma Diegues: “o importante não é conhecer um ou outro aspecto, mas saber relacionar os fenômenos naturais e tomar as decisões relativas às capturas.” (DIEGUES, 1983, p.199) A relação de harmonia respeitosa com o espaço de pesca revela a cumplicidade estabelecida entre a pescadora e o seu recurso de pesca. Seus saberes de pesca no manguezal funciona como o GPS mais eficiente que poderia ser utilizado, ou seja, seus saberes são a bússola no manguezal. O fato de sua produção e reprodução social advém da sabedoria no manguezal contida nas ações realizadas pelos seus avós, pais, companheiros e companheiras de pesca já que não possuem mecanismos de pesca industrial como sonar, GPS, por exemplo. Essa realidade compreende uma relação estabelecida entre o Homem e a Natureza que tem suas bases fundamentadas em práticas culturais milenares onde a natureza apresenta-se como um sujeito ativo. Diante dessa perspectiva, a apropriação do espaço e dos recursos implica no conhecimento profundo sobre o meio natural e na tradição da atividade da pesca, concretizando-se como uma atividade ideológica e identitária (MALDONADO, 1993):“...a vida de pescadora é muito dura, ela anda com a maré..., tem que ta atenta porque se a maré for cinco da manhã, tem que ta de pé cinco da manhã, porque se for seis, num trás cumida pra casa...”⁴

Pensar e aprender a pescar, faz-se necessário o desligar-se do tempo do relógio, é preciso deixar-se ao tempo sugerido pela própria natureza, é preciso integrar-se a um ritmo natural, em um “tempo natural” no “espaço que se faz natural” e assim seguir o ritmo da maré! As particularidades da pesca artesanal nos revelam a todo o momento diferentes hábitos tradicionais repletos de significados particulares e eu pude verificar isto andando, observando e

³ Entrevista com a pescadora Roquelina Almeida em 05/07/2007.

⁴ Entrevista com a pescadora Roquelina Almeida em 06/07/2007.

conversando com as pescadoras. O que se passa na prática da pesca, se transformam em teorias que se instituem pela tradição que fundamentam a pesca artesanal são comprovadas no cotidiano e justificadas pela perpetuação. O conhecimento pesqueiro é patrimonial, ancestral e renasce a cada nova geração perpetuando assim os segredos das águas, dos peixes, dos mariscos, da vida de pescadora.

O OLHAR COMPLEXO SOBRE O SEU MEIO: A PESCADORA DELINEANDO CULTURA

“...quando pegá o siri, se ele tivé miúdo demais, tem que soltá..., a gente hoje solta ele pequeno, daqui a três maré ele já ta maió..., a merma coisa é com o peixe: se agente pegá ele miúdo hoje, cum três, quatro maré ele já maiozinho..., maió pá a gente panhá de novo..., se o sururu eu tiro ele hoje pequeno, amanhã vai me fazê falta, então eu tenho que tirá o grande e deixá o pequeno, qualquer marisco, se a gente tira ele novinho, faz falta a gente..., a gente tem que cuidá pra que ele possa valer a gente.”⁵

As pescadoras do Iguape denunciam um voltar-se para a adoção de uma nova percepção da vida e do papel dos seres humanos, o que propiciaria a nova civilização planetária citada por Milton Santos (2000, p.167); as pescadoras nesta nova percepção, encontram respaldo teórico, ainda que não necessite disto para se concretizar em fato, na idéia de defesa de uma visão sistêmica e interdependente da natureza; a pescadora reconhece o valor de seres vivos e da natureza como um todo independente do valor de uso ou troca. As pescadoras têm estas práticas em suas vidas, desde há muito, de forma intuitiva, creio, que levadas pela convivência estreita com a natureza que as cerca.

“...ói, as coisas tão melhorando, sabe por que? Porque as pessoas tão conseguindo se conhecer melhor; as pessoas tão conseguindo entender que pisar na lama, não quer dizer que seja menos que os outros..., quer dizer que eles tem o mesmo valor que o outro, mas tem que se valorizá...”

Seu retorno ao meio ambiente pode ser estético, prazeroso, táteis, no sentido de sentir a água, a lama, o ar, a terra. Sensações que vão enraizando os humanos ao lugar, tornando-os parte integral do meio. Calvino nos traz que “(...)nenhum livro pode ensinar aquilo que só se pode aprender na infância ao se prestar ouvidos e olhos atentos ao canto e ao vôo dos pássaros e se houver ali alguém que saiba o nome deles.”(CALVINO, 1994, p.25)

Neste tipo de abordagem, a partir da imagem da mulher, do feminino, das pescadoras, enxergo a deixa para a interdisciplinaridade necessária, cujo objeto de análise seria a complexa teia das relações que envolvem o humano e o ambiente do qual faz parte, cuja história só foi possível graças ao aparecimento e consolidação destas no tempo e no espaço. A figura da pescadora, mulher de olhar complexo sobre o seu meio ambiente se firma pela sensibilidade que lhe traz bem próxima da corrente de pensamento assentada em princípios éticos voltados para todas as formas de vida no planeta, uma vez que rejeita a dualidade entre a natureza humana e não-humana, entendendo que ambas são dotadas de um valor intrínseco.

Esta abordagem motiva a verificação da dimensão cultural como base para a compreensão de realidades diversas, para a qual a Geografia Cultural nos instrumentaliza.

⁵ Pescadora Eulina Barbosa Cruz em 05/07/2007.

Relações entre o espaço e a cultura, ao mesmo tempo em que se reconhece “*uma verdadeira tomada de posse (real ou simbólica) do espaço.*” (CLAVAL, 2001, p. 189)

*...trabalhá na pesca, tem dia que você tem o que cumê, tem dia que você não tem o que cumê..., quando a Suerdieck fechou eu disse: o que é que eu tenho que fazer?...eu tenho que botá esses minino tudo pra marisca, ai eu levava todo mundo..., saia daqui quatro hora da manhã e ia daqui pra Ponta de Soiza a pé..., mariscá..., todo mundo, todos oito..., e eu ensinando todo mundo mariscá...meio dia em pino a gente voltava..., tinha dia que as minina num queria ir...as minina reclamavam porque num tinha uma merenda, ai eu dizia: meu filho, a gente vai, destá que São Francisco vai mostrá uma pessoa que vai dá uma merenda e vocês num ficam cum fome...,e aí quando a gente passava por lá na casa de Maria Preta ela falava:
-Mulata, num vai encostá hoje não?...eu dizia:
-Não que eu num tenho nada pra dá aos minino...
Aí quando a gente voltava, ela já tava cum aquela farofinha...e dizia:
-Sente aí os minino...
-Pra que é D. Maria?...
-Eu arranjei uma merendinha pros minino...
Às vezes chegava em casa e num tinha o que cumê, ai eu pegava um bebe-fumo e escaldava pra eles...⁶*

Conversando com D. Edna e com as outras pescadoras, percebi sem maiores dificuldades, a demonstração de seus jeitos nas suas atitudes frente ao seu mundo, como por exemplo, o porquê do cuidado em tornar o siri filhote à maré: é daquele siri filhote que vem a vida, a comida que sustentará a si e os filhos. Tem-se, então, uma demonstração de como a sociedade explica a si própria, construindo e transmitindo as tradições de fé, de cuidado com o outro e, por isso, a necessidade de estar atento aos modos de pensar local para daí analisar o que é observado. Muitos começam a perceber o quão é importante o equilíbrio do planeta, mas o homem vem contribuindo justamente para o contrário. Estas transformações vêm sendo construídas como uma alternativa à estrutura civilizacional que temos vivenciado. Mais que uma mudança de mentalidade, é apresentada como uma mudança de paradigma, levando em consideração o termo dentro do conceito proposto por Boff (2000, p. 27) de paradigma enquanto “*uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com tudo o resto à nossa volta*”.

O Ecofeminismo representa um forte movimento no sentido de reforçar a importância da mudança de paradigma também para a melhoria da relação entre gêneros, assim como da relação com o meio, uma vez que associa o resgate dos valores femininos simbolizados pela proteção e pelo ato de cuidar, entre outros e, também, pelo parentesco simbólico ao considerar como parentes não só irmãos, tios, pais, sobrinhos e primos, mas também as comadres, compadres, vizinhos e amigos, permite às pescadoras a criação de um elo familiar, um elo de solidariedade capaz de enfrentar as dificuldades da vida, estando em terra ou na maré (MALDONADO, 1993).

Com Tuan, temos que “*a topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente forte ou é percebido como um símbolo*” (TUAN, 1980, p. 107). A imaginação como mediadora entre o vivido e o pensado, entre a presença bruta do objeto e a representação. Assim, “*a imaginação alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos.*” A

⁶ Entrevista com a pescadora Edna Santos em 05/07/2007.

força dos símbolos, das imagens e do imaginário vem explicar as representações humanas sobre o meio ambiente. A terra como registro simbólico e fonte de sobrevivência, práticas codificadas e ritualizadas no imaginário estabelecido nas relações homem/natureza (ATLAN, 1992, p. 176). Estes elementos adquirem uma existência mental que se configura entre o cérebro humano e o ambiente. A consciência-memória e os padrões de imagem formam-se ininterruptamente, acumuladas na memória projetadas num futuro por definição imaginado.

As pescadoras têm ao seu favor a amplidão de referências visuais propiciadas pelas belezas naturais, o que facilita o “enraizamento” (CLAVAL, 2001, p. 190) espacial e sociológico; ponto a favor das localidades rurais é a inexistência de prédios altos, por exemplo, que dificultam a visualização ampla das pessoas sobre seus lugares de vida, o que acontece nas grandes cidades. Na Baía do Iguape, as pescadoras andam muito, se locomovem a pé ou, no máximo, em carrocerias quando de suas idas a locais mais distantes para a pesca, compras ou ir ao médico, por exemplo; desta forma, elas se tornam conhecedoras dos caminhos todos, dos pontos do manguezal onde o caminhar e a cata do marisco se torna mais dificultosa, dos horários das marés, do cheiro de chuva, se a noite será boa para a pesca do camarão, da salinidade da água que, muitas vezes, acaba espantando os peixes ou até mesmo matando os mariscos, isto tudo têm de um tempo maior para os seus processos de observação.

Mais uma vez, me valendo do pensamento ecofeminista, ressalto entre os povos primitivos, segundo alguns historiadores, sempre houve uma forte conexão entre a mulher e a Terra em si como símbolo maior deste princípio. Esta visão sacralizada da natureza propiciava a idéia do homem como parte dela e este, em troca, tratava-a com respeito e cordialidade, como o carinho de um filho para com a sua mãe, lição que se aprende com as pescadoras e pescadores do Iguape em poucos minutos de observação da realização de seu trabalho. Na medida em que a natureza foi perdendo este seu caráter sagrado, paralelamente, inicia-se a sua exploração. Esta idéia consiste em recuperar na Natureza a mulher, o homem e as formas criativas de ser e perceber. No que se refere à Natureza, supõe vê-la como um organismo vivo. Com relação à mulher, supõe considerá-la produtiva e ativa. E no que diz respeito ao homem, a recuperação do princípio feminino implica situar de novo a ação e a atividade em função de criar sociedades que promovam a vida e não a conduzam ou a ameacem. A questão do resgate do feminino corresponde mais ao equilíbrio do que a sobreposição de um modelo sobre o outro. Deixemos registrado, que não há de fato um culpado, o masculino não é determinado como o inimigo, mas sim como um extremo apenas de uma complexa realidade histórico-sócio-cultural existente entre homens e mulheres (SHIVA, 2005).

CONCLUSÃO

Privilegio a importância do advento da mulher ter se libertado das redomas domésticas ao sair para a garantia do próprio sustento, felicitando-me pelo fato de que os resultados vêm tomando corpo para a realidade da mulher de hoje. A mulher, pescadora ou não, demonstra equacionar com competência os seus papéis de cidadã, trabalhadora, mãe, administradora do lar e ainda arca com o ônus de, por muito tempo, ter sido relegada à condição secundária.

A escolha do referencial bibliográfico a partir de trabalhos escritos sobre a região, produções teóricas calcadas nos paradigmas do imaginário, topofilia, relação sociedade, natureza, visão holística, espiritualidade, afetividade, cultura e ecologia social, entre outros, subsidiaram minhas leituras rumo à compreensão do modo de desenvolvimento de culturas,

como na Baía do Iguape, tão enraizadas no mundo natural, encantadas de seus mitos, explicações mágicas e tradições seculares, a partir de um olhar integralizador sobre a paisagem, identificando os diferentes aspectos do meio ambiente holístico.

Não há a intenção de se perder de vista o princípio do método, mas tem - se a sede de se registrar que algumas questões extrapolam os paradigmas científicos dos fenômenos complexos, que não podem ser simplificados ou reduzidos às suas casualidades, concretas, visíveis e objetivas.

Põe-se como tarefa difícil de se realizar pensar e fazer Ecologia, desconsiderando o papel determinante do ser humano sobre o seu meio e deste sobre o mesmo, influenciando, entre outros fatores, sua cultura e sua identidade, o que nos traz a pescadora quando executa com dedicação o seu trabalho na maré, onde adapta-se e vive, nos disponibilizando a renovação de esperanças de que a relação entre sociedade e natureza possa ser repensada e reestruturada em bases mais justas e ecologicamente sustentáveis.

Espero que seja possível favorecer a compreensão de quem nem tudo se pode ser entendido a partir de definições universais, conclusivas, restritas, e conforme o pensamento da Geografia, se possa analisar os embates entre humanidade versus espaço entre os mundos natural versus cultural; que abordagens como esta promovam a adesão de novas posturas e práticas em favor da qualidade de vida global e da construção de uma sociedade ecologicamente responsável.

A Geografia vem estudar as marcações humanas que são o resultado de um complexo processo de interação homem-natureza, cujas operacionalizações, historicamente construídas, vão muito além das modificações físicas do espaço incorporando outras dimensões sócio-culturais e político-econômicas. Deste modo, contribui decisivamente para o entendimento do espaço enquanto uma totalidade na qual se passam todas as relações cotidianas e se estabelecem diferentes redes em âmbito micro e macrossocial.

Nesta pesquisa, busco o desvendamento da dimensão humana nas relações espaciais simbólicas impressas pelos valores, sentimentos e ações assim como as representações e simbolismos espaciais, aguçando o olhar geográfico para as representações construídas pelas pescadoras nos seus modos de vida e suas representações, identidade construída, analisando entre o imaginário/simbólico, os territórios e lugares de tempo lento e cíclico, o mundo vivido.

Creio que tudo se faz interligado e interconectado formando uma cadeia interdependente. *“Essa visão prevalece sobre a visão mecanicista que isolava cada elemento em seu lugar e torna-se a marca principal da mudança de paradigma”*(MORIN, 1996, p. 35). O novo paradigma pode ser chamado de uma visão de mundo holística, que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas.

REFERÊNCIAS

Orais

Edna da Conceição dos Santos, 59 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Eulina Souza, 52 anos. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em 05/07/2007.

Roquelina Souza de Almeida, 43 anos. Pescadora. Entrevista cedida a Jeruza Rosário em

06/07/2007.

Bibliográficas

- ATLAN, Henri. **Entre o Cristal e Fumaça**. Rio de Janeiro. Jorge Zhar editor, 1992.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. São Paulo: Ática, 1993.
- CAPRA, Fritjof, **A teia da vida**. Cultrix. São Paulo, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia cultural**. 2ª ed.: UFSC, Florianópolis: 2001.
- DIEGUES, A. C. S. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. Ed. Ática, 1983.
- FERREIRA, M de Moraes e Armando J. (org.). **História Oral Usos e Abusos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora. 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do presente**. Rio de Janeiro. Rocco, 1984.
- MALDONADO, Simone Carneiro. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986.
- MORIN, Edgar. **O Desafio da Complexidade**. Extraído do Livro *Ciência com Consciência*. Editora Bertrand Brasil, 1996.
- MORIN, Edgard. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.
- MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria**. Porto Alegre. RS: Editora Sulina, 1995.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.(org.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo/razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Eletrônica

SHIVA, Vandana. Entrevista a Vandana Shiva sobre ecofeminismo. 2005. Disponível em: <http://agendadelasmujeres.com.ar/index2.php?id=3¬a=1253>. Acesso em: 02/01/2006.